

AUGUSTO VASCONCELOS LOPES

Um empresário bem sucedido



Em Cabo Verde é uma pessoa muito prestigiada porque respeita e ajuda o próximo. Além disso tem um grande sentimento empreendedor. É esta a imagem que Augusto Vasconcelos conseguiu criar ao longo de 17 anos de vida empresarial. Imagem que lhe tem valido o acesso a grandes empreendimentos, como o sector bancário, onde tenciona investir, tornando-se deste modo e a breve trecho, um dos primeiros financeiros africanos de expressão portuguesa. Um caso particular de sucesso que levamos ao conhecimento dos nossos leitores.

NOVÁFRICA – Com a instauração da Democracia empresário cabo-verdiano viu chegado o momento de fortalecer e ampliar a sua actividade. Até que ponto as mudanças operadas em Cabo Verde favoreceram os seus negócios?

Augusto Vasconcelos – Ainda é muito cedo para me aperceber, em termos concretos, de qualquer alteração nos negócios, motivada pela mudança e política no meu país. Até porque no meu caso, todos os projectos a que estou ligado tiveram o seu início, antes da mudança do regime. É evidente que a política do novo Governo terá forçosamente que vir a ter reflexos nessas iniciativas, tendo em conta os objectivos que determinaram a sua acção, e eu, sinceramente, espero verificar etapas favoráveis na nossa firma, porque isso significa, afinal, êxitos de e para todos os cabo-verdianos.

**N – Como e quando decidiu enveredar pela actividade empresarial ?
Conte-nos um pequeno episódio..**

AV. – Com a limitação que nos impunha o sistema comercial cabo-verdiano ,isto é, a fixação de plafonds de importação com quotas mais ou menos rígidas para cada importador , eu não via muitas hipóteses de fazer sair a nossa firma do marasmo e que nos condicionava o valor que podíamos movimentar em termos de importação .Daí a busca de novos caminhos para acções empresariais que me pudessem preencher toda a vontade de fazer algo melhor por Cabo Verde.

Assim, com a abertura a iniciativa privada, muitos projectos encontraram terreno mais favorável, em 1991, começaram a concretizar-se algumas actividades empresariais, nomeadamente a inauguração da Companhia Cabo-verdiana de Seguros Impar, a Fabrica de Sabões e muitas outras a que deste início me associei.

Episódio interessante foi a ideia de por de pé a primeira Companhia de Seguros privada em Cabo Verde. A minha ideia teve eco imediato junto de alguns colegas ,e, acto continuo ,deslocámo-nos a Portugal em busca de parceiros e know-how. O nosso primeiro contacto em Lisboa foi com o empresário António Simões , vice-presidente da companhia Previdente, que pertence a um grupo altamente

dinâmico e financeiramente potente, e no seu escritório delineou-se imediatamente toda a estratégia a seguir e escolheu-se então a Companhia de Seguros Império como parceiro privilegiado pelo seu know-how e experiência que já detinham no mercado segurador em Cabo Verde .E como é obvio, todos estes acertos com êxitos sucessivos no enquadramento da ideia, representa, para mim, um episódio inesquecível...

N- Recorreu ao financiamento ou empregou as suas poupanças?

A.V. – Não . Não recorri a nenhum financiamento para realização da nossa quota. O investimento foi feito exclusivamente com as reservas da firma.

N- Como é que se adaptou nos primeiros tempos?

A.V. – Senti-me bem, não obstante a sobrecarga de trabalho, necessária como sabe, em qualquer iniciativa que se pretende florescer. Mas facilmente me adaptei ao novo ritmo, porque há sempre motivações que me vão preenchendo as motivações.

N- Foi difícil a escolha do ramo de actividade?

A.V. - Não. Não houve uma escolha específica. Sempre me moveu fazer algo diferente. Daí que me irá encontrar em diversos ramos de actividade, porque o objectivo maior é fazer algo melhor para o desenvolvimento e bem-estar do meu país.

N- Que apoios beneficia do governo?

A.V.- Não temos tido, ate agora, grandes apoios por parte do governo. Todos os passos dados se baseiam na relação com o povo e nisso reside toda a dinâmica que nos impulsionou para as etapas da nossa vida.

N- Tem sentido dificuldades nos seus negócios?

A.V. – Dificuldades essas são inevitáveis. Mas o que posso dizer é que, a nível da nossa própria firma, e mesmo nos projectos maiores em que me envolvi, tenho conseguido vencer os obstáculos, e isso, como deve calcular, é gratificante e enriquecedor.

N- Qual é a apreciação que faz das política económica do actual governo?

A.V. – Na actual conjuntura universal, e evidente que o passo dado pelos cabo-verdianos na escolha de uma nova ordem económica, não pode deixar de estar correcta. Cabo Verde é um micro- país, mas nem por isso deve deixar de estar atento, as necessidades do seu povo. Referindo-me correctamente à acção do governo na sua política económica, sou de opinião, que se escolheu o caminho certo.

N- Em que medida é que ela choça com os interesses dos empresários locais?

A.V.- Julgo que não há choque, quando se busca a comunhão de esforços, para melhorar a vida de uma nação.

N- Que funções desempenha na Companhia de Seguros Impar?

A.V. – Além de sócio-promotor do projecto, sou administrador da área de marketing, relações públicas e publicidade. Mas intervenho total e integralmente na vida da companhia sempre procurando dar o melhor contributo para o progresso da mesma.

N- Que acções concretas tem desenvolvido a Companhia?

A.V.- Todas as acções inerentes a uma companhia de seguros. Paralelamente, vamos tentando outras acções que possam trazer benefícios empresariais, nomeadamente a rentabilização no capital realizado noutras áreas. Temos um Protocolo com a Câmara Municipal do Mindelo para o financiamento de outras obras orçadas em dezenas de milhares de contos, e em marcha, outras acções de investimento fora do país, com vista a obter resultados para a empresa.

N- Já alguma vez pensou em iniciar-se na actividade bancária, tendo em conta a intenção do governo em privatizar o sector?

A.V.- É evidente que não vou ficar alheio à privatização do sector bancário em Cabo Verde. Já se esboçam passos concretos em relação ao aparecimento de um banco privado e já algum tempo que venho mantendo diálogo com possíveis parceiros, não só para a Impar como a nível pessoal.

A acção da criação da Companhia de Seguros tinha também subjacente este passo maior, e claro que não iríamos perder a oportunidade de estar integrados neste projecto logo desde a primeira hora.

N- Tenciona expandir a sua actividade além fronteiras? Que país julga que pode atraí-lo?

A.V. – Não. Neste momento, não. O meu país tem um amplíssimo campo de acção virgem, capaz de absorver toda e qualquer iniciativa dos seus filhos durante décadas!